

**Rosely Sichieri**

**MEMORIAL**

**Apresentado ao Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro para concurso de provimento do cargo de professor titular do Departamento de Epidemiologia.**

**Rio de Janeiro**

**2011**

## Sumário

	<b>Página</b>
<b>Parte I- QUALITATIVA.....</b>	<b>3</b>
Apresentação.....	3
Trajetória científica e apoio social.....	3
<b>Parte II- QUANTITATIVA.....</b>	<b>14</b>
Qualificação acadêmica.....	14
Produção acadêmica.....	14
Participação em congressos e reuniões técnico-científicas.....	14
Atividades técnico-científicas.....	14
Orientações concluídas.....	15
Experiência no magistério.....	15
Atividades de gestão no sistema oficial usufruídas.....	16
Currículo Lattes.....	17

## **APRESENTAÇÃO**

Memorial apresentado à banca de concurso público para provimento de cargo de professor titular em Epidemiologia Nutricional. Este memorial se encontra dividido em duas partes.

Na primeira, faço um levantamento da minha trajetória como professora e pesquisadora, contemplando o que a memória afetiva guardou ao longo desses mais de 30 anos de atividade profissional.

Na segunda parte, apresento a documentação dos vários itens a serem avaliados, conforme disposto no edital do concurso.

## **TRAJETÓRIA**

Nasci na Penha, Zona Leste da cidade de São Paulo, que me marcou com esse sotaque de paulista. Aonde quer que eu vá, no Rio de Janeiro, tem sempre alguém que, pelo meu sotaque, me lembra que eu não sou carioca. Mas na verdade eu virei carioca por opção. Aprendi a gostar da cidade, que nos maltrata, mas também deslumbra e posso dizer que me realizei profissionalmente entre as montanhas e o mar dessa linda cidade. Escrevo este memorial no chuvoso Carnaval de 2011, olhando as belas cachoeiras que se formam nas montanhas que avisto da minha janela no Alto da Boa Vista.

Teoricamente, um memorial para concurso de professor titular deve ter por fio condutor o encadeamento das questões de pesquisa e ensino que nortearam a atividade profissional. Ou seja, espera-se que de forma lógica se defina o campo de estudo de um específico pesquisador.

Escrevendo meu memorial, descobri que não tenho uma trajetória de pesquisa e profissional muito linear. O acaso decidiu minha trajetória muito mais do que seria desejável, contrariando a hipótese de que se persegue um claro objetivo, pelo menos de pesquisa, ao longo da vida. Talvez o eixo condutor tenha sido o fato de que vários dos meus projetos de pesquisa rejeitaram a hipótese alternativa.

Foram aparecendo no meu percurso várias questões de pesquisa e para algumas estou ainda buscando uma resposta. Um tema recorrente e até hoje não resolvido é o de como definir e avaliar a qualidade da alimentação de indivíduos e populações. Tento recuperar essa questão de pesquisa na tese que é parte deste processo de seleção.

São várias as possibilidades de análise desse tema. Avaliar a alimentação e o estado nutricional em adultos do município do Rio de Janeiro foi minha proposta para ingresso como professor visitante na UERJ e que me trouxe para o Rio de Janeiro.

Cheguei à UERJ pelas mãos de Renato Veras, que me estimulou a ingressar como professora visitante, o que ocorreu em novembro de 1993. Nesses 18 anos na UERJ, penso que me firmei como pesquisadora na área de Nutrição Populacional. A vinda para a UERJ, assim como grande parte da minha trajetória profissional, foram em muito forjadas com importante contribuição do acaso. Vou começar com outros acasos, até chegar novamente ao ingresso na UERJ.

Eu não tinha a menor idéia do que gostaria de estudar depois do Científico. Uma amiga, que se tornou médica sanitária, sugeriu-me fazer prova para bolsa no cursinho do Grêmio em São Paulo para a área de Ciências Biológicas. Fui e ganhei uma bolsa integral. Eu e ela estudamos muito e foi quase uma consequência fazer vestibular para Medicina e passar. Fui morar em uma pensão em Botucatu em 1979.

Nos anos de faculdade, tínhamos aulas todos os dias de manhã, à tarde e aos sábados, das 8 às 12 h. A aula de Bioestatística ocorria nas manhãs de sábado. Talvez pelo horário, mas não só por ele, odiávamos Bioestatística.

Com essa grade de ensino, morando em uma cidade pequena, que não tinha nem cinema, nos dedicávamos em tempo integral aos estudos. Alguns de nós dividíamos o tempo e muitas noites com atividades no Centro Acadêmico Pirajá da Silva. Organizamos grandes assembleias, que discutiam da situação do país à grade curricular. Uma dessas assembleias foi convocada para discutir se a Faculdade deveria ou não contratar professores em tempo parcial. A dedicação exclusiva era considerada central ao desenvolvimento das faculdades no interior paulista.

Fazíamos também muitas festas. No Centro Acadêmico tínhamos uma boate, uma das poucas diversões da cidade. As atividades no bar do Centro Acadêmico, na boate e nos shows do circuito universitário eram exercidas por estudantes com alguma participação no Centro Acadêmico. Essas atividades geravam recursos para pagar os estudantes e as atividades do Centro Acadêmico. Ali também mantínhamos um cineclube, que me permitiu conhecer grandes clássicos do cinema. Tudo em Botucatu girava em torno da faculdade, montada nas antigas instalações de um sanatório para tuberculosos, e daí seus amplos solários e sua localização a poucos metros da estação ferroviária.

Todas as manhãs chegava a Rubião Junior o trem trazendo doentes de São Paulo e de outros estados. Botucatu era um entreposto da antiga rede ferroviária que perdera importância, mas servia muito como transporte para as pessoas mais pobres.

A medicina preventiva em Botucatu era muito articulada com a clínica e também com o ensino das básicas. O curso chamado Agressão e Defesa incorporava da Saúde da Comunidade à Patologia, e a agenda semanal do curso se iniciava com uma prova toda segunda-feira. Embora seu caráter inovador à época, a Preventiva não me despertou muito interesse e passei grande parte do curso como bolsista de Iniciação Científica (IC) em Neurofisiologia. O Professor Hoshino, meu orientador de IC, muito me estimulou a fazer carreira acadêmica. Os professores em Botucatu dedicavam muito mais do que tempo integral aos alunos, à docência e aos pacientes. Acho que esse foi o meu maior *imprinting* dos anos de Botucatu.

Quando me formei em Medicina, fui para as Ciências Biomédicas da USP fazer Mestrado em Neurofisiologia. Nessa época, conheci meu grande companheiro, Aníbal, com quem estou casada há 34 anos. O Aníbal fazia pós-graduação em Nutrição, era uma liderança do movimento estudantil, me convidou a participar de um projeto comunitário e acabou me ganhando para a causa da Nutrição. Até hoje temos várias parcerias de pesquisa e somos coordenadores do Nebin – Núcleo de Epidemiologia e Biologia da Nutrição (Nebin.org).

Durante nossa pós-graduação, em São Paulo, desenvolvíamos projetos de educação popular na Zona Sul, um dos braços de um amplo movimento organizado de junção do movimento dos trabalhadores com o movimento popular. Mantínhamos uma creche, que era escola de alfabetização de adultos à noite e também a casa do trabalhador da Zona Sul. Por conta dessas atividades, fomos morar em Santo Amaro e eu não consegui mais conciliar a Neurofisiologia, estudando ciclo de sono-vigília em hamsters, com a efervescência das atividades políticas em que estávamos envolvidos.

Reencontrei a Neurofisiologia mais recentemente, com os estudos de transtornos alimentares e análises de agentes terapêuticos em transtornos alimentares e obesidade. E o Professor Hoshino, meu orientador de iniciação científica, acabou fazendo parte da equipe brasileira de estudos na Antártida, interessado no *krill*, espécie de crustáceo semelhante ao camarão – segundo ele, uma reserva protéica para alimentar a humanidade. Enfim, tudo terminou na Nutrição.

Durante o curso de Mestrado, em São Paulo, muitos colegas meus eram sanitaristas e acabei ingressando no Curso de Sanitarista da Faculdade de Saúde Pública da USP, em 1978, e logo depois fiz concurso para a Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo e virei diretora de postos de saúde

na região de Santo Amaro. Minha filha Julia nasceu durante o burburinho das eleições de 1978, sob o lema “Vote nulo, por um partido operário”. Logo depois nasceria o PT.

No centro de saúde de Parelheiros, coletei meus primeiros dados longitudinais de crescimento de crianças, com anotações mensais de peso, estatura, aleitamento e infecções. Passei muito tempo tentando analisar esses dados sem sucesso. Muitos anos depois, me dei conta da complexidade desse tipo de análise estatística.

Nossas atividades políticas se mantinham no intenso ritmo das mudanças, ou pretendidas mudanças, que queríamos para o Brasil. Houve as grandes greves nas fábricas metalúrgicas da Zona Sul, que acompanhávamos de perto. Havia também as greves do serviço público e já enfrentávamos o problema de como conduzir greves em um serviço tão importante para a população.

Meu filho João, completando nossa pequena, porém querida família, nasceu nesse período, em 1980. Nossos filhos sempre nos acompanharam nos agitados fins de semana de uma época em que parecia que passaríamos a Brasil a limpo.

Apesar das muitas mudanças do fim dos anos de 1970 e da grande agitação ocorrida na Saúde, de minhas atividades no centro de saúde na Zona Sul de São Paulo ficou a certeza de que organizar, sobretudo o trabalho médico, no serviço público, é uma tarefa hercúlea. Éramos quatro mulheres sanitaristas com quase 30 anos de idade dedicando toda nossa energia à reorganização dos serviços em Santo Amaro.

Os postos em vários níveis hierárquicos eram preenchidos pela escolha de médicos sanitaristas concursados, segundo classificação nos concursos internos da Secretaria de Saúde do estado. O ingresso de todos os sanitaristas do estado se dava por concurso público unificado. Era um sistema novo, que garantia muita gente nova circulando na rede em postos de direção. Acho que dedicamos muitas horas dos nossos dias para melhorar a atenção à saúde nos postos: treinávamos funcionários, vacinávamos, fazíamos visita domiciliar, brigávamos muito com os velhos doutores e com os novos, que rapidamente ficavam velhos. Com grande facilidade e felicidade, abandonei o trabalho de ponta e fui para a academia, um privilégio.

Em 1982, eu e meu marido fizemos concurso para a Universidade de Maringá, norte do Paraná, e logo após ganhei do CNPq meu primeiro recurso para pesquisa. Eu era sanitarista, Mestre em Fisiologia, e o projeto se intitulava *Modo de produção no campo e estado nutricional*. Do título, pode-se inferir que as atividades políticas dos anos 70 influenciaram muito minhas primeiras abordagens científicas. Na verdade, esse projeto foi um processo coletivo, em que vários professores recém-contratados pela Universidade de Maringá pretendiam analisar as condições de

vida e saúde dos boias-frias, trabalhadores gestados na produção agrícola de ponta que se estendia pelo norte do Paraná, ícones da mecanização do trabalho no campo.

Serviam de inspiração as idéias da Epidemiologia Social que florescia no México, e os trabalhos dos professores Carlos Monteiro, Dirce Singulem e Eliete Tudisco, que também nos apoiavam inclusive ministrando palestras e cursos. Convidávamos vários professores e eles iam de ônibus-leito, dez horas de viagem e ficavam hospedados em nossas casas. O professor e filósofo José Arthur Gianotti ministrou um curso sobre o Capital, em pleno verão, sem ar-condicionado, nas acanhadas instalações da Universidade de Maringá, para um amplo público atento, mas na sua maioria completamente incapaz de acompanhar as reflexões do grande mestre.

Maringá era à época uma jovem cidade. Cidade planejada, de avenidas largas, quase sem idosos, com muitos japoneses, fronteira agrícola que invadia tudo. Até na porta do aeroporto havia sempre o rodízio soja-trigo.

Com dois filhos pequenos, mudar de São Paulo para Maringá foi como escolher o paraíso, e nos dez anos em que lá vivemos foi muita costela assada, muita cerveja, muita festa infantil e muitas ementas de disciplinas: Higiene para o Curso de Farmácia, Nutrição em Saúde Pública, Saúde Comunitária, Epidemiologia. A mais interessante era a que fazíamos como um trabalho comunitário, na disciplina de Saúde da Comunidade, no povoado de Guadiana, uma cidade-dormitório quase toda de boias-frias. O trabalho pioneiro e incansável de uma jovem diretora, “Neidinha”, da única escola local, era um primor, e acho que eu e todas as minhas colegas nessa época aprendemos saúde comunitária com ela. Na escola, as crianças plantavam vegetais e hortaliças; os pais eram chamados nos fins de semana para arrumar, pintar e para festas coletivas; valorizavam-se o trabalho no campo e os resultados dele. Nossas reuniões com a comunidade versavam sobre os mais variados temas: verminoses, anemia, etc. Sobrava público e não havia *slide* nem *Powerpoint*.

Em meus trabalhos de pesquisa recentes com escolares em Niterói e Duque de Caxias, todos os convites aos pais para discutir alimentação e nutrição infantil redundaram em enormes fracassos. Estão faltando muitas “Neidinhas” nas escolas do Rio de Janeiro.

Em fins de 2010, visitei uma escola padrão, que desenvolve com as crianças atividades sobre alimentação na Dinamarca. O cerne do programa é fazer com que as crianças se familiarizem com os alimentos. Elas cultivam algumas hortaliças nas escolas com o trabalho das crianças. Estas, em pequenas mesas na cozinha das creches, manipulam os alimentos que vão consumir. A creche-

aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina desenvolve atividades menos elaboradas, mas similares quanto ao objetivo de aproximar fisicamente as crianças dos alimentos.

Em Maringá, discutimos muito também sobre a organização dos serviços de saúde. Em 1981 – por influência de Londrina, que foi palco importante da reforma sanitária – despontavam idéias e práticas interessantes de atenção primária. Atividade e programas precursores do SUS eram discutidos em nossos cursos em Maringá, e em palestras, com colaboração importante dos sanitaristas de Londrina. Discutir o programa que pretendia racionalizar a assistência médica, denominado PREVSAÚDE, era o mote.

Ainda vivendo em Maringá, fiz meu doutorado em Nutrição em Saúde Pública na Faculdade de Saúde Pública da USP. Carlos Augusto Monteiro coordenava, na época, uma pesquisa no município de São Paulo em menores de cinco anos e participei das reuniões da pesquisa, realizando algumas poucas coletas de dados nos domicílios. Minha orientadora, Sophia C. Szarfarc, coparticipante do projeto, generosamente me cedeu o banco de dados referente ao consumo alimentar das crianças, já pronto, com refeição por refeição digitada, o que facilitou muito meu estudo sobre dieta e anemia ferropriva em crianças, minha tese de Doutorado.

Terminei meu doutorado e quase que imediatamente fui para um pós-doutorado no National Institutes of Health (NIH) dos Estados Unidos. O Aníbal estava com planos já adiantados para o pós-doutorado e eu demorei algum tempo até me acertar no serviço de Epidemiologia do National Institute of Diabetes and Kidney Diseases (NIDDK).

Meu tutor no NIH, Dr. Roth, era um velho senhor mais clínico do que epidemiologista que adorava o Brasil, era casado com uma brasileira e me aceitou a pedido da orientadora do meu marido, e acho que basicamente porque sou brasileira. O assistente do Dr. Roth, hoje diretor do serviço, Jay Everhart, me orientou a fazer os vários cursos de Epidemiologia e de programação computacional que frequentei no meu pós-doutorado, me apresentou inúmeras oportunidades de análise dos grandes bancos do NHANES, *hispanic* HANES, e foi um excelente colega e orientador nos anos que passei no Federal Building, em Bethesda.

Vale lembrar que, na época, esses grandes bancos só rodavam na *mainframe* e que uma análise de *proportional hazards* custava duzentos dólares americanos. Se mandássemos o programa para rodar à noite, custava cem dólares. Ou seja, fazíamos muitos modelos teóricos das análises antes de submetê-las e acho que esse exercício foi muito produtivo na minha formação como epidemiologista. Assim, minha passagem pelos Estados Unidos fez com que a sanitarista se transformasse em epidemiologista.



O interesse na época nos Estados Unidos já era com a obesidade, e curiosamente nas pesquisas de base nacional – os NHANES – os dados faziam crer que a curva do índice de massa corporal (IMC) só se deslocava na sua porção à direita, sugerindo que a suscetibilidade à obesidade não seria de quase toda a população, mas desse menor contingente mais suscetível. Infelizmente, os dados posteriores não confirmaram essa hipótese.

Quando voltamos para o Brasil, em plena época Collor, os salários em Maringá estavam baixíssimos e as condições de pesquisa, estagnadas. Fizemos algumas reivindicações ao então governador Requião, que em encontro com vários pesquisadores saiu com a máxima: “se querem fazer pesquisa, mudem-se para São Paulo, que tem dinheiro para esses luxos”.

Não fomos para São Paulo, mas buscamos outras alternativas. O Aníbal veio para o Rio de Janeiro e eu e as crianças fomos para Brasília. Eu e três amigas – Denise Coitinho, Marília Leão e Elizabete Recine – ficamos encantadas com a possibilidade de montar um serviço de Epidemiologia no Hospital Sarah de Brasília.

Meu contato com elas aconteceu logo que voltei dos Estados Unidos, em 1991, por indicação da Maria Elena Benicio, da USP, que sugeriu meu nome para auxiliar na análise dos dados recém-coletados da Pesquisa Nacional de Saúde e Nutrição (PNSN). Foram os primeiros dados nacionais sobre a transição nutricional, que já anunciava redução da desnutrição e aumento de peso em adultos, como consta do terceiro relatório da PNSN, de 1991. Analisamos as condições nutricionais de adultos e idosos no Brasil dessa importante pesquisa nacional. A PNSN registrou peso e altura de 62.000 pessoas e, em colaboração com outros pesquisadores pudemos, a partir desses dados, desenvolver um estudo que teve grande repercussão sobre fatores associados ao estado nutricional de adultos no Brasil.

As condições de trabalho e salário que tivemos no Hospital Sarah não se repetiram nunca mais na minha vida profissional, mas duraram pouco. O Dr. Campos da Paz, diretor vitalício da rede e também mentor de um projeto de trabalho muito interessante, mas extremamente autoritário, não gostou muito do nosso trabalho e fui demitida sem maiores explicações após sete meses na instituição.

Desempregada, em Brasília, sem ninguém da família por perto, com dois filhos na escola, foi um dos momentos mais difíceis da minha vida. Mas com grande apoio do Aníbal e empenho do Renato Veras, chefe do Departamento de Epidemiologia do IMS, surgiu a possibilidade de trabalho no IMS.

Nos últimos meses que morei em Brasília, época do governo Itamar, estava sendo elaborado no IPEA o primeiro mapa da fome e sendo reformulado o Programa do Leite. O Programa do Leite era um das grandes atividades do extinto INAN (Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição). Minhas amigas de Brasília e eu, nos quatro meses que ainda vivi em Brasília, elaboramos um modelo para organizar a distribuição dos recursos para leite e óleo para desnutridos, que era a meta do programa. Fizemos um modelo preditivo de prevalência de desnutrição para os municípios, com base nos dados de desnutrição que tínhamos da PNSN. Até o gestor do INAN gostou, pois havia uma possibilidade, baseada em evidências, de rejeitar pedidos políticos que não gostaria de atender.

Era o fim do ano de 1993, quando o Betinho lançou a Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida. Naquele fim de ano participei de reunião em Brasília, coordenada pelo INAN, que discutiu segurança alimentar no Brasil. Esta questão já era identificada como um ponto importante das políticas públicas da sociedade brasileira. Era fundamental, para essas ações, que pudéssemos atualizar os dados de consumo alimentar da população brasileira, cuja aproximação era feita com os dados do ENDEF de 1975, que são dados de disponibilidade e não de consumo individual.

Durante meu pós-doutorado no NIH, analisei dados de consumo e fiquei bastante familiarizada com o uso de questionários de frequência semiquantitativos para avaliação do consumo alimentar. O questionário de frequência proposto por Walter Willett, da Universidade de Harvard, com quem posteriormente fiz meu segundo pós-doutorado, já estava bastante difundido como método mais barato e rápido de avaliar o consumo alimentar usual.

A coordenação do projeto de avaliação de consumo com recursos do INAN era do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Alimentação (Nepa), da UNICAMP, que tinha experiência com avaliações baseadas em compras relativas ao domicílio. Eles já utilizavam uma lista fixa de produtos a serem avaliados e minha sugestão foi incluir um questionário de frequência semiquantitativo para avaliação do consumo alimentar individual de adultos. Coordenei o trabalho relativo ao questionário de consumo individual em parceria com outras cinco universidades brasileiras. O objetivo era desenvolver e aplicar um questionário de frequência de consumo que pudesse, em conjunto com o questionário de compras, estimar o consumo usual de adultos no Brasil. Os dados gerais da pesquisa do chamado estudo multicêntrico foram publicados nos *Cadernos de Debates do NEPA*, e os dados específicos do município do Rio de Janeiro, sob o nome de Pesquisa de Saúde e Nutrição no Rio de Janeiro, deram origem a várias publicações e teses. O esforço de comparar consumo e compras familiares foi muitas vezes ensaiado, mas nunca desenvolvido em sua plenitude.

Essa ideia de combinar métodos para avaliar o consumo ganhou sustentação e foi incorporada na mais recente pesquisa nacional conduzida pelo IBGE, que incluiu um módulo de consumo individual na pesquisa de orçamentos familiares (POF) de 2009. O módulo de consumo individual foi coordenado por mim, com a colaboração da professora Rosangela Pereira, do Instituto de Nutrição da UFRJ, e os dados foram recentemente publicados.

Nessa longa caminhada, que me trouxe da Zona Leste de São Paulo ao Rio de Janeiro, minha família nuclear, mesmo tendo passado por mais de vinte diferentes endereços, esteve sempre unida. E a família maior, pais e sogros, sempre esteve por perto, socorrendo quando necessário, apoiando e servindo de exemplo.

Vejo um pouco dos esforços da minha mãe em mim mesma. Envolvida em várias atividades ao longo da vida, segundo ela, de simples tecelã da fábrica do Bom Retiro, ela conquistou o mundo educando os filhos. Seu mérito foi fazer de todos doutores com apoio das boas escolas públicas. E o amor sem limites de meu pai, sempre disponível para nos acompanhar e apoiar. Até cabo eleitoral do PT ele se dispôs a ser, um partido que não se parecia muito com ele, um anarquista. Ele muito colaborou na eleição para prefeito da cidade de Maringá à qual o Aníbal concorreu. Perdemos a eleição, mas nunca o apoio incondicional do Ettore.

Meu sogro, bibliotecário apaixonado por livros, sempre nos alimentou com literatura científica interessante, contos espetaculares e com propostas sempre muito à frente da sua época. Não me lembro dele falando mal de nenhum dos nossos planos, fossem políticos, profissionais ou familiares. Acho que seguimos a máxima dele, de que uma família tem sempre que ter grandes planos, senão o dia a dia nos engole. Minha sogra Katy construía, com seus maravilhosos almoços de domingo, um clima perfeito para amplas discussões, e devo a ela muitas das receitas que até hoje cozinho para os amigos. Na verdade, minha atividade profissional se mistura com as receitas que reinvento e que trago na bagagem, as da minha mãe e de minhas avós, substituindo ingredientes pelos de baixa caloria ou baixo índice glicêmico – todas novas orientações e tentativas de promoção de alimentação saudável, que tenho incluído nos ensaios comunitários que tenho conduzido, seja com mulheres ou com escolares. Faço questão de ensinar a minhas alunas nutricionistas que comida não é remédio; comida deve ser nossa ligação com o mundo e vejo como muito pesar o fato de que várias alunas de Nutrição não sabem e não gostam de cozinhar.

Chegar ao Rio de Janeiro foi bom para mim e ótimo para nossa família. O ano anterior havia sido muito difícil e havia a vontade em todos nós de recomeçar bem. Meus filhos também adotaram a cidade e se tornaram adultos, hoje já distribuídos pelo mundo. A saga familiar continua.

Gulnar, amiga do meu marido e hoje minha querida amiga e professora do IMS, me recebeu de braços abertos e foi meu ponto de apoio no Rio, tanto afetivo quanto profissional. Pouco tempo depois retornou à UERJ, recém-chegada da London School, Claudia Lopes, minha querida amiga e companheira de sala no IMS desde sempre.

Eu, Gulnar e Claudia, além de apoio social mútuo, temos desenvolvido parcerias em pesquisas que provavelmente eu não desenvolveria se não fosse por laços afetivos. Mais recentemente, um olhar importante da Nutrição tem-se dado na área dos transtornos alimentares, que a parceria com Claudia e outras psiquiatras trazidas por ela para nosso convívio me permitiram explorar. Acabei desenvolvendo vários estudos nessa área, tanto populacionais como de ensaios clínicos com fármacos de ação no sistema nervoso central que controlam a compulsão alimentar e a obesidade. Tanto Gulnar quanto Claudia têm ainda contribuído de forma importante para minhas reflexões do que a Nutrição tem a oferecer tanto para o diagnóstico da saúde da população quanto nas ações a serem incorporadas no serviço de saúde.

Devo ainda reconhecer outra importante vertente de apoio desde que cheguei ao Rio. Para desenvolver a pesquisa *Estudo multicêntrico sobre consumo alimentar no Rio de Janeiro*, contei com a importante colaboração das professoras Vânia Marins e Rosangela Pereira. Na verdade, o estudo multicêntrico- Rio só foi possível porque elas, várias pesquisadoras e até meu pai trabalharam de graça, vários meses, na validação do questionário de frequência de consumo, na atualização dos setores censitários e pré- teste antes que o dinheiro para coleta dos dados fosse liberado. O questionário de frequência de consumo desenvolvido nessa época até hoje serve de base para várias pesquisas no Brasil.

Minha primeira orientanda no IMS foi a Vânia Mattos, e convidamos para co- orientação a professora Gloria Valeria Veiga, na época professora da UFF. Essa parceria, que se iniciou em 1995, rende até hoje vários trabalhos conjuntos na área de adolescentes. Posteriormente, nessa área de adolescentes, foi incorporada a Rosana Salles, hoje professora da UFRJ e com todas essas amigas pesquisadoras desenvolvo até hoje várias colaborações de pesquisa, entre elas o estudo sobre segurança alimentar, estado nutricional e alimentação em Duque de Caxias, uma das áreas mais pobres do Brasil, incrustada nos braços da Petrobras.

Esses estudos, tanto o do município do Rio de Janeiro quanto o de Duque de Caxias, têm-nos mostrado a complexidade da transição nutricional no Brasil, com uma convivência clara da pobreza e insegurança alimentar com a obesidade e a rápida incorporação de hábitos alimentares obesogênicos pela população de menor renda. Em mulheres adultas, mostramos inclusive que a incorporação de recomendações como redução do colesterol e gordura da dieta foi observada sem

melhoria na redução do excesso de peso; e em crianças de Duque de Caxias, a contribuição dos hábitos como tomar café da manhã, comer refeições em vez de lanches, entre outros fatores comportamentais, se associa ao excesso de peso.

Meu pós-doutorado na Harvard, no Departamento de Nutrição, permitiu a obtenção de um financiamento do NIH, e me deu instrumental para análises longitudinais que geraram vários estudos randomizados, que são a base de um dos cursos que ministro no IMS e uma das minhas principais áreas de pesquisa. Infelizmente, os estudos experimentais comunitários são desenhados muito à semelhança dos estudos clínicos, e a Epidemiologia, particularmente no Brasil, está ainda pobre em propostas de avaliação de medidas de prevenção na área de alimentação.

Vários alunos meus trouxeram para o grupo de Epidemiologia Nutricional temas de pesquisa sobre os quais eu não me debruçaria não fossem eles. Foram eles também que possibilitaram a publicação de mais de 100 manuscritos e alguns livros.

Enfim, acho que eu mereço participar de um concurso de professor titular!

## **PARTE II - QUALIFICAÇÃO ACADÊMICA E TÉCNICA**

### **Qualificação acadêmica**

Concluí o Curso de Medicina pela Faculdade de Ciências Médicas de Botucatu (1976); o Mestrado em Ciências (Fisiologia Humana, área de Neurofisiologia) pela Universidade de São Paulo (1981); e o Doutorado em Nutrição em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo (1988).

No período de 1990 a 1992, fiz pós-doutorado em Epidemiologia no NIH (National Institutes of Health), nos Estados Unidos, e em 2001 na Harvard School of Public Health.

### **Produção acadêmica**

Com colaboração de alunos e colegas de outras instituições, já publiquei cento e quarenta e oito artigos, três livros e nove capítulos de livros, como consta do meu currículo Lattes, que se encontra em anexo.

### **Participação em congressos e reuniões técnico-científicas**

Tenho participado de muitos congressos na área de Nutrição, Saúde Coletiva e Epidemiologia. Ministrei palestras e conferências em noventa e oito eventos científicos nacionais e internacionais, como consta do meu currículo Lattes, que se encontra em anexo.

### **Atividades técnico-científicas**

Participei de cento e onze bancas de Mestrado e Doutorado em várias instituições, como consta do meu currículo Lattes, que se encontra em anexo.

Participei dos conselhos editoriais dos periódicos *Physis – Revista de Saúde Coletiva*, *Ciência & Saúde Coletiva* e da *Revista de Epidemiologia*.

Atualmente, integro o corpo editorial, como editora associada, da *Revista de Saúde Pública* e da *Public Health Nutrition*.

Atuo com parecerista da CAPES, CNPq, FAPERJ, FAPEMIG, FAPESP.

## **Orientações concluídas**

Concluí a orientação de vinte e sete dissertações de Mestrado e dezessete teses de Doutorado, como consta do meu currículo Lattes, que se encontra em anexo.

## **Experiência no magistério**

Docente na Universidade Estadual de Maringá de 1984 até 1992, onde ministrei vários cursos na graduação em Medicina.

Professora Adjunta na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Medicina Social, Departamento de Epidemiologia, desde 1994. Exceção para o ano de 2001, quando ministrei aula e fui a docente responsável pelo curso de Epidemiologia do Curso de Medicina, no período de 1994 a 2009.

Nos últimos dez anos, tenho sido uma das duas docentes responsáveis pelo curso de Seminários de Dissertação e Tese, da grade obrigatória do Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva do IMS, que é ministrado anualmente.

Em 1995, iniciei o curso de Epidemiologia Nutricional oferecido anualmente no Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva do IMS e que, nos últimos cinco anos, também é ministrado no Programa de Pós-Graduação em Fisiopatologia Clínica e Experimental (FISCLINEX), da UERJ.

Em 2002, iniciei o Curso de Desenho e Análise de Ensaio Clínicos com Ênfase em Medidas Repetidas, ministrado anualmente no Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva do IMS e, nos últimos cinco anos, oferecido também aos alunos do Programa de Pós-Graduação em Fisiopatologia Clínica e Experimental (FISCLINEX), da UERJ.

Os cursos de Epidemiologia Nutricional e Desenho e Análise de Ensaio Clínicos com Ênfase em Medidas Repetidas são eletivos e todos os anos têm recebido um bom número de alunos da UERJ e de outros programas de Pós-graduação.

Tenho sido convidada a oferecer o curso de Epidemiologia Nutricional em outros estados, e ele já foi ministrado no Programa de Pós-graduação de Universidade Federal de Pelotas, de Florianópolis e de Mato Grosso.

## **Atividades de gestão no sistema oficial usufruídas**

Coordenadora do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual de Maringá, de 1984 a 1986.

Vice-coordenadora de Pós-graduação em Saúde Coletiva do IMS, de 1998 a 1999.

Coordenadora de Pós-graduação em Saúde Coletiva do IMS, de 1999 a 2000.

Coordenadora do Mestrado Interinstitucional da UERJ com a UFRN, de 1999 a 2000.

Membro eleito do Conselho Consultivo da Sub-reitoria de Pós-graduação da UERJ, de 2001 a 2002.

Chefe do Departamento de Epidemiologia, de 2006 a 2007.

Assessora do Comitê de Saúde Pública e Nutrição do CNPq, de 2007 a 2009.

Membro do Comitê de Ética em Pesquisa do IMS, desde 2006.



